

CIVITAS LABORIS

AUGUSTO FARIA ROCHA

Estamos aqui, a postos, na quase legendária tenda jornalística do "Diário dos Campos" para, convocados como homens que somos de boa vontade, exaltar a auspiciosa e sugestiva data aniversária da fundação desta luminosa e trepidante cidade de Ponta Grossa.

Povo que plasmou muito em foz na destinação ascendente de nossa Pátria, possui, desde os primórdios de existência coletiva, singular *vis attractiva*, capaz de empreender e realizar com êxito, em altiplano e vale dos campos gerais, as linhas mestras espirituais e econômicas de uma civilização em pleno vigor, graças ao claro céu bonança, às fortes solicitações do ambiente físico, ao esplendor de seus horizontes, à vastidão panorâmica da planície viridente ao longo da qual se extasiaram os olhos atônitos e sábios de Saint Hilaire.

É esta a região edênica em que se contempla a maravilha piramidal da Vila Velha, nossa Pompéia rústica, cuja edificação milenar é atribuída a um capricho do divino Eolo, pai mitológico dos ventos lastrados de areia solta das erosões; planura verde-malva tapizada de boninas agrestes, onde apareceram mais tarde, os pessegueiros em flôr que, transplantados aos poucos, vieram até nós subindo das barrancas a sueste do Paranapanema, aos largos chapadões da então quinta comarca de São Paulo.

Mas o que sobretudo avulta na significação geopolítica da efeméride comemorativa; o que mais ilustra o sentido sociológico do dia fasto de Ponta Grossa é, indiscutivelmente, a constatação de uma vitória do Homem sobre a Natureza.

Esta não foi dadivosa para com os primitivos povos marginais do Pitangui conterrâneo.

Ao contrário, lutaram tenazmente contra os fatores negativos de solo pobre — camadas de arenito — manchando, de onde a onde, as pastagens escassas e magras.

Sem embargo, os ancestrais — Rocha Carvalhais e outros — da obscura Freguesia de Nossa Senhora Sant'Ana souberam, com trabalho inteligente e frutuoso, suprir a parcimônia de recursos naturais, as deficiências de estradas, e, do burgo originário de ontem, se depara hoje a Ponta Grossa moderna, uma das mais importantes cidades do Brasil, dotada de ruas extensas e bem calçadas, passeios amplos revestidas de "petit-pavé",

aprazíveis logradouros arborizados e floridos, casas residenciais luxuosas, auto-motores em extraordinária quantidade, serviços públicos e particulares em perfeita ordem, a par do crescimento vertiginoso de suas arrecadações orçamentárias.

A nossa história citadina tem similitude anterior ao que observou Ramalho Ortigão em sua "Holanda". Descreveu êle o esforço titânico dos batavos que, por meio de gigantescos canais e eclusas, lograram impedir a invasão das águas, mantendo-as, permanentemente, represadas, à jusante da bela Amsterdam.

Daí o orgulho dito na boca de seus habitantes: — "Deus criou o Mundo e, também, a Holanda, mas... com a ajuda dos holandeses".

A Princesa dos Campos principiou dêsse geito.

A proporção dos anos decorridos, Ponta Grossa se ia constituindo entreposto comercial, pouso e passagem de tropas, muare e equinos, estabelecendo-se relações com os mercados do interior e do litoral da então Província do Paraná; depois entre os grandes centros pastoris do Rio Grande, desde o longínquo Rio dos Sinos até as lindes territoriais de São Paulo, ligando, de entremeio, a rica zona de criação de Vacaria e adjacências à tradicional feira de Sorocaba, através da chamada "estrada da Mata", roteiro escolhido pelo Brigadeiro Tobias de Aguiar quando, fracassada a intenciona do Padre Feijó, no ano de 1842, ia sendo perseguido pelas forças volantes do então Barão de Caxias, e procurava reunir-se aos revolucionários farroupilhas do pampa.

As contínuas viagens para comprar, nas estâncias rio-grandenses, a "flor" das manadas, "ferrar o poncho" (bom negócio na gíria gauchesca) e para as respectivas revendas nas feiras, a variedade de cenário e de graus de civilização, tudo isso influiu muito na formação psíquica do tropeiro pontagrossense no sentido da confiança individual depositada em si próprio, o espírito de iniciativa e decisão, acentuado amor à independência pessoal raiando, às vezes, pela rebeldia proverbial contra o mandonismo de todos os tempos.

Junte-se ao tino mercantil atilado, a vocação para as indústrias, a preocupação razoável de fazer fortuna, com o desejo de vencer na vida prática financeira, social e, por fim, na política, entendida esta como simples aspiração cívica e não como profissão habitual.

Talvez por êsses motivos é que, no ardor da memorável revolução de 30, o seu grande chefe, Dr. Getúlio Vargas, conferiu à cidade de Ponta Grossa o título honroso de **Capital Cívica** do Paraná, o que se verificou em proclamação "urbi et orbe" no Clube Pontagrossense, sede que se tornou do Governo Provisório da 2ª. República Brasileira.

Dentre os muitos tropeiros d'antanho, destacaram-se vultos de paranaenses de pról, por exemplo: o barão de Guaraúna; Conselheiro Jesuino Marcondes, da Palmeira; barão de Campos Gerais e Joaquim Lacerda, da Lapa; visconde de Guarapuava; Paula Gomes o indefeso Patriarca de nossa emancipação política e, por fim, o barão de Antonina que, na opinião autorizada do ilustre cronista professor Aluizio França é o progenitor histórico da vasta família dos **grileiros** de terras de cultura do Estado.

Posteriormente, aos descendentes ribeirinhos do Pitangui incorporaram-se na comunidade local preciosos elementos imigratórios de origem russa, alemã, italiana, polonesa e outras, não se falando no português que é o mesmo brasileiro de ultramar.

Começa daí o incremento das várias indústrias.

Quanto à instrução popular:

Da famosa escola particular do professor Colares, onde o dinâmico Interventor Manuel Ribas apanhou muitos "bolos" de palmatória; do curso intermediário dirigido pela proveceta educadora, Dona Judith Silveira, até ao currículo secundário, iniciado com a fundação do Colégio Feijó e Escola Normal, criados no governo Munhoz da Rocha (senior), com os demais ginásios, estabelecimentos de ensino técnico comercial e contábil, centros de cultura literária e filosófica, entidades esportivas e recreativas — vai enorme evolução em todos os quadrantes da humana atividade.

Ainda, desde a ereção da humilde igreja localizada na eminência do espigão como o procuraram os pombos providenciais da lenda, referidos nos versos do Hino de Ponta Grossa, oficializando desde o ano de 1922, até a Catedral do Bispado, — há, também, considerável aumento e aperfeiçoamento moral e religioso dos nossos padrões de vida subjetiva.

E agora que se está festejando a passagem do 129º aniversário da "urbe" princesina, é bom lembrar os tempos idos e vividos, as conquistas do passado, para, visando o porvir da terra mater, recitar e entoar, em ato de fé, a primeira estrofe de seu hino:

Ponta Grossa aparece na altura
Dominando campanhas natais;
Temos crença na glória futura
Da Princesa dos Campos Gerais.